

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Os trabalhadores e os territórios do futebol em Blumenau-SC (1950-1970)

Cristina Ferreira*

Resumo: O artigo discute a vida dos trabalhadores em Blumenau-SC e sua atuação nos clubes de futebol. A problemática refere-se à análise da Cultura Associativa como um conjunto de propostas e práticas culturais dos trabalhadores, para desvendar conflitos e valores compartilhados em suas vidas no âmbito do associativismo desportivo. Os estudos confirmam que o lazer está condicionado ao modelo ideológico incentivado pelas elites industriais; todavia, os trabalhadores buscaram rotas alternativas para suas práticas culturais. Práticas que se tornaram rituais capazes de expressar não somente a recreação e a organização desportiva, mas, as relações e os vínculos criados no interior dos clubes, os desejos e os encontros pessoais e comunitários e os modos de apreender o mundo, com seus valores mais extensos, tais como a família, os amigos e o lazer como uma forma de sobrepor às faltas da vida.

Palavras-chave: Cultura Associativa – trabalhadores – clubes de futebol.

Abstract: This paper discusses the lives of workers at Blumenau-SC and their interactions with soccer clubs. The problem refers to the analysis of the Associative Culture as a group of proposals and cultural practices of the workers, in order to unmask conflicts and values shared in their lives in the context of sport associativism. The studies confirm that leisure is conditioned to the ideological model, motivated by the industrial elites; though, the workers looked for alternatives routes for their cultural practices. Practices that became rituals capable to express not only the recreation and the sport organization, but the relationships and the bonds that arise within the clubs, the desires and the personal and community encounters and the manners of apprehending the world, with its more extensive values, such as family, friends and leisure as a form of putting up to the lacks of life.

Keywords: Associative Culture – workers – soccer clubs.

Introdução

O termo “cultura associativa” pode ser entendido como um conceito que remete ao “hábito de associar-se, à tendência de conferir certa institucionalidade a formas de sociabilidade diversas” (BATALHA, 2004: 96). Esta tendência ao associativismo é um fenômeno fortemente disseminado pelos trabalhadores, embora não seja exclusivamente praticado pelos mesmos e, muito menos evoque uma representação de caráter classista ou militante. Ao contrário, a cultura associativa transcende os limites da militância e do classismo, pois seu objetivo é pensar como os trabalhadores, que também eram componentes das associações, percebiam o mundo e a si mesmos e expressavam seus desejos, tradições e contradições através de práticas e rituais simbólicos.

* Mestre em História do Brasil (UFSC), Universidade Regional de Blumenau/FURB – Nepemos, PIPE-Furb (Art. 170).

Compreender a cultura associativa sob a ótica do sujeito que a compõe é o objetivo principal do estudo em questão, focando a análise acerca do associativismo civil no próprio ser humano que o integra, e não apenas na instituição propriamente dita e sua organização. Sob esta perspectiva, a concepção de cultura empregada aponta para um caráter polissêmico e diverso e, neste caso, tem inspiração na abordagem thompsoniana, que ressalta a ação decisiva da cultura como força mobilizadora da transformação histórica, buscando “dar voz às grandes massas de pessoas que deixaram poucos registros escritos e cuja história ficou por escrever durante várias gerações” (DESAN, 1992: 74).

Este artigo arrola resultados da pesquisa através de descrições sobre os contextos trabalhistas e associativos, sobretudo na interface indústria/lazer, com ênfase no futebol. Completam o trabalho os resultados e as discussões sobre os trabalhadores e a participação deles, principalmente, nos clubes amadores de futebol no período entre 1950 a 1970, e as análises realizadas a partir do referencial teórico ligado à Cultura Associativa no que diz respeito aos modos de ser, ver e fazer dos trabalhadores associados aos clubes de futebol.

1 – Os contextos da bola no país do futebol

Em 1950, o Brasil havia se preparado para sediar a Copa do Mundo. E não somente para sediá-la, mas principalmente para conquistar em casa o seu primeiro título mundial de futebol. A seleção brasileira estava com a mão na taça. Entretanto, a euforia deu lugar ao silêncio quando o Uruguai marcou seu segundo gol, minutos antes do término da partida. Gol que decretou a derrota mais frustrante vivenciada pelo futebol brasileiro. Placar final: 2 para o Uruguai, 1 para o Brasil.

Como se a paixão renascesse das cinzas, é a partir de 1950 que os rumos do futebol brasileiro se alteram vitoriosamente. Parte do fenômeno ocorre imediatamente em Blumenau. É também logo depois de 50 que a cidade assiste proliferar os clubes de futebol, sejam eles nas fábricas ou comunidades que se uniram pela bola.

É também nesta data que a cidade celebra o seu centenário, comemorado em grande estilo para consolidar a idéia de pertencimento à comunidade em seus habitantes que, por sua vez, eram conclamados a embelezar e cuidar de seus jardins, calçadas e casas, atitudes que pretendiam envolver a comunidade com o evento. Por outro lado, o poder público construía um cenário para abarcar o palco das comemorações dignas de uma cidade de “porte” como Blumenau.

O objetivo era reforçar a imagem de Blumenau enquanto cidade bem sucedida economicamente, o lema era: “Blumenau – cidade progresso”. A proposta era ocultar os

problemas e homogeneizar os discursos para esconder eventuais dificuldades estruturais da cidade, buscando compor um quadro de ordem, trabalho e progresso.

Da festa em diante, constitui-se o surgimento do discurso da modernidade na região de Blumenau e, aos poucos, a cidade busca adequar-se aos novos padrões de progresso do mundo e do Brasil. A arquitetura local se modifica, as antigas casas coloniais cedem espaço aos edifícios, o urbanismo e a paisagem da área urbana aos poucos se transformam; a economia têxtil começa a ganhar o mercado nacional e a incrementar seu parque fabril com novas máquinas, com o objetivo de exportar seus produtos; as artes contemporâneas ingressam na cidade; a televisão e as comunicações se aperfeiçoam e assim, a modernidade avança amalgamada sobre uma cultura externa (norte-americana), que pretende livrar-se do “antigo” (tradição germânica), para buscar o novo (progresso e desenvolvimento).

Esse discurso também foi significativo no esporte. O futebol, como prática disseminada nas capitais e logo no interior do Brasil, nos anos 50 e 60 chega a Blumenau com um sentido antagônico às práticas desportivas na cultura local. Era então, o futebol, coisa para os “novos”, enquanto “no Caça e Tiro o que mais tinham eram [homens] velhos, [homens] novos também tinham, mas os novos não se interessavam por isso, então **os novos eram mais para o futebol**” (KATH, E. - 2005)¹.

Neste cenário, muitos trabalhadores estão migrando da agricultura para a indústria. Tal migração favorece o surgimento intenso de um tipo de associativismo com interface “indústria/lazer”. Nesse sentido, a noção de pertencimento vinculada ao associativismo desportivo e recreativo em Blumenau no período estudado, principalmente a partir da década de 60, está atrelada ao ambiente de trabalho.

A maioria dos estatutos das associações mencionava a necessidade do associado ter uma atividade profissional, ou seja, uma “profissão idônea e definida”. Além disso, destacavam-se questões de ordem moral, a exemplo do texto original dos estatutos do Arsenal Futebol Clube: “para ser sócio as pessoas podiam ser de ambos os sexos, maiores de 16 anos, com bons antecedentes e profissão idônea”.

Sendo assim, o “tempo livre” tinha que ser aproveitado dentro das regras previstas, buscando o cuidado com o corpo e com a mente através de exercícios físicos que, na visão da época, preparavam o trabalhador para uma nova jornada de trabalho.

¹ Os depoimentos citados, de acordo com a ordem de aparecimento, referem-se aos seguintes entrevistados: **KATH**, Egon; **DUWE**, Irineo; **PREILIPPER**, Walfried; **KATH**, Alex; **WAGENKNECHT**, Udo. As entrevistas foram realizadas entre outubro e dezembro/2005 para o subprojeto de pesquisa intitulado “Cultura Associativa: os modos de ser, ver e fazer dos integrantes das associações recreativas, desportivas e trabalhistas de Blumenau”, vinculado ao projeto “Associativismo Civil em Blumenau: mudanças e tendências”, realizado no Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Movimentos Sociais – NEPEMOS/FURB, com o apoio do bolsista Allan Henrique Gomes.

Ao que tudo indica, em Blumenau, a estratégia de retomar o futebol como mecanismo comportamental das massas foi um relevante fenômeno que ocorreu nos anos 50 e 60 no associativismo desportivo e de trabalhadores. Vale acrescentar que a presença das indústrias têxteis como as principais interessadas na organização do futebol para os seus operários, não foi uma realidade exclusiva em Blumenau. Entre os casos em que um clube de futebol formado pelos trabalhadores de uma indústria têxtil fica mais famoso que a própria empresa, está o Bangu Athletic Club do Rio de Janeiro (LOPES, 2004: 132). É também provável que o surgimento do operário-jogador tenha se dado com o Bangu, isto na primeira década do século XX.

Ao mesmo tempo em que o futebol era promovido visando à educação do povo para a ideologia dominante, sua *magia* escapou ao controle dos seus promotores e, tanto sua prática quanto sua organização, chegou às mãos dos trabalhadores. O local de trabalho e o espaço do jogo interpenetram-se, além disso, o “futebol torna-se uma questão de bairro” e o clube “manifesta e confirma a solidariedade local” (CORBIN, 1995: 264-265).

O trabalhador blumenauense nos anos 50 e 60 conhece o futebol pelo menos em três esferas, (1) o futebol profissional da Primeira Divisão da Liga Blumenauense, (2) o futebol como uma atividade possível nas sociedades recreativas vinculadas às indústrias [grandes] da cidade, e (3) o futebol dos clubes amadores nos bairros, cujo cenário foi enfatizado através de práticas e ritualísticas cotidianas vinculadas ao esporte.

2 – Rituais criados e agregados ao Futebol

No futebol se pensava a semana inteira. Com ou sem treinos no meio da semana, dizem os trabalhadores que até terça-feira era costume falar e relembrar dos lances e acontecimentos do domingo. Da quarta-feira em diante, logo começavam os preparativos para o próximo final de semana. Onde jogar?

Futebol e domingo eram uma combinação perfeita:

*[...] isso dava trinta clubes, vinte a trinta clubes no **domingo**. Jogava-se cinco minutos para cada lado, por eliminatória e pronto. [De] tantos clubes [que] apareciam para participar em torneios de futebol. [...] E quando a primeira fase terminou chega a segunda fase, e assim, até a final no campeão do dia (DUWE, 2005).*

Os torneios de domingo expressavam a forma de organização que os clubes criaram para suas práticas de lazer e sociabilidade. Pode-se perceber, nas falas, que inclusive

as regras do jogo de futebol eram alteradas para que todos os clubes inscritos pudessem participar em um único dia de torneio.

Esses torneios eram significativamente diferentes dos campeonatos e certames organizados pela Liga Blumenauense de Futebol. As exigências da Liga estavam relacionadas à institucionalização do clube (registro em cartório e estatuto), reuniões antecipadas com dirigentes, juízes escalados, tabela oficial de jogos, etc. Nos torneios organizados pelos clubes amadores, o espírito competitivo e de rivalidade na Liga, dá lugar à integração, diversão e liberação das posturas dos trabalhadores.

Os torneios de futebol também se tornam importantes para o autofinanciamento dos clubes nos bairros:

Deixa duzentas pessoas comer churrasco, cachorro quente, isso dá dinheiro. [...] Na época o cara comia mesmo!!! Aquilo era o que dava dinheiro para o clube, você vendia bebida durante o dia, daí vinha aquelas cervejarias, naquele tempo, as transportadoras davam os troféus, além disso ainda pagavam uma certa quantia [...] (DUWE, 2005).

Além da alimentação e da bebida, os clubes ofereciam outras atividades para que a “família” do trabalhador pudesse se divertir e deixar algum dinheiro na sociedade, para tanto, eram realizados, bingos, rifas, etc.

A cerveja, contudo, parece ser o produto mais cobiçado pelos trabalhadores no domingo de futebol: “Nós tínhamos também os pai-trocinadores da cerveja [...] se o time ganhasse, era cervejada garantida! [...] Eles se responsabilizavam também em resolver as coisas diplomaticamente para não haver briga entre torcidas, e jogadores [...] Uma caixa de cerveja pagava tudo (PREILIPPER, 2005).

Conforme alguns entrevistados, as brigas eram comuns no futebol na década de 50/60. “No futebol amador dava briga, mas dava briga em disputa do campo, depois do jogo nós éramos tudo amigos, inclusive nos encontrávamos no balcão, com cerveja e tudo, não se levava o rancor para casa” (DUWE, 2005).

As brigas parecem ser tão importantes quanto os outros ingredientes do bom futebol. Nas palavras do Sr. Egon Kath, “naquele tempo, eu não sei, eu estava pensando hoje já, se não desse briga então o jogo não era bom. Como nos Caça e Tiro, se não tinha briga então não era baile.”

As cenas de briga no futebol envolviam todos os atores do festival da bola:

Eu fui uma vez em Indaial com o Frigor, aí um cara de lá apitou, daí o juiz puxou [roubou], teve um de Blumenau que começou a chiar, de repente o juiz [que inclusive era da Liga] jogou o apito, passou num pasto longe e simplesmente veio com um revólver, queria matar um daqui [risos], tinha acabado o jogo, naquele tempo tinha de tudo (KATH, A., 2005).

Os rituais e costumes apresentados nesta seção são elementos importantes no estudo da cultura associativa. Trata-se de maneiras e procedimentos, inventados e agregados pelos trabalhadores, que através do associativismo refletem os modos e a percepção que estes grupos têm do mundo e da vida. Neste sentido, pode-se dizer que tanto individualmente quanto coletivamente os grupos e sujeitos elaboram e recriam suas tradições e contradições através de práticas e rituais simbólicos.



Imagem 1 – Time do Frigor, associado à Fabrica de Laticínios Frigor (Indaial-SC) – 1957. Arquivo particular de Alex Katz.

3 – O futebol e os sentidos da vida

Os trabalhadores das sociedades e clubes de futebol eram, na sua maioria, torcedores dos times da primeira divisão da Liga Blumenauense de Futebol, como também, jogadores das sociedades, sejam elas os clubes de futebol nos bairros ou as sociedades desportivas ligadas às empresas. “No futebol defendo as cores da nossa SDR, onde tive a oportunidade de fazer ótimas partidas juntamente com meus colegas” (RADAR SULFABRIL, 1967: 48).

A relação futebol-trabalhador estendia-se para além dos campos e da sociedade desportiva, era uma atividade que alguns trabalhadores preferiam curtir pelo rádio, como uma hora de lazer.

Eram os clubes amadores dos bairros que mais atraíam e apaixonavam os trabalhadores. Ao narrar sobre a presença e o significado do futebol na vida das pessoas que fundaram e participaram ativamente dos clubes da comunidade, Sr. Irineo Duwe descreve assim:

Nós cavávamos um metro a mais para poder ter um metro a mais para correr atrás de uma bola. O que nós íamos fazer, a não ser futebol? Não existia nada. Não tinha rádio, rádio só a pilha. [...] Qual a atividade que uma criança tinha, na época, que não fosse o futebol, nós chegávamos jogar na escola com laranja. [...] Naquele tempo não tinha rua que não tivesse um campo de futebol (DUWE, 2005).

Logo, também não era difícil que o futebol encaminhasse outros assuntos da vida. De acordo com Udo Wagenknecht, “por que não dizer que [...] naquela época, começamos a fazer o time de futebol e que saíamos por aí, de caminhão, pau de arara, e por que não dizer, quantos casamentos surgiram daquela época!” (WAGENKNECHT, 2005).

Algumas descrições mostram como o futebol foi responsável pelo destino de pessoas. Relatos que seriam uma questão de sorte se não fossem os caminhos da bola:

[...] Daí chegamos lá ele disse – Udo, eu trouxe um jogador novo aqui! Mas o Udo não sabia, nunca tinha me visto! [risos]. [...] Então esse Ralf Ewald me disse, se tu for jogar lá, eu tenho duas primas, vou te apresentar elas também, e dito e feito, apresentou a duas e eu me casei com uma! O meu caso é típico! (PREILIPPER, 2005)

O futebol era também uma paixão que transcendia alguns imperativos culturais em Blumenau, pois permitia aos trabalhadores uma razão de viver maior que os limites estabelecidos pelo trabalho e pela indústria:

[...] Fui obrigado a trabalhar no segundo turno lá na Maju, o segundo turno era para mim completamente inconveniente, porque eu gostava do futebol de noite no Nova Aurora, segundo turno eu estava morto [não poder participar] para minha atividade noturna [futebol], isso pra mim não dá, pensei comigo (...) Daí pedi minha demissão na Maju, isso na sexta. E na Cremer comecei a trabalhar no Sábado pela manhã (DUWE, 2005).

Não existe uma hegemonia no que diz respeito à cultura operária dos clubes de futebol. Enquanto algumas comunidades se fazem a partir de um modelo mais institucionalizado para o clube, outras se organizam privilegiando os espaços disponíveis do bairro sejam eles privados (de uma pessoa ou empresa) ou mesmo espaços cedidos pela prefeitura. A manutenção e o financiamento destes clubes também ocorria através das conhecidas vias clientelistas estabelecidas no fazer político local. Os clubes de futebol dependeram das ofertas das elites para que pudessem fazer melhorias nas suas dependências e também realizar torneios de futebol. Para isso, o melhor tempo era o das campanhas eleitorais.

Nós ficávamos contentes na época de política em Blumenau, quando ocorriam as eleições [...] daí nós pegávamos os prefeitos, os candidatos ali e arrecadava alguma coisa, bola, rede, enfim, essas coisas! [...] Na época da eleição nós fazíamos a coleta, vamos dizer assim. Isso nos salvou de muitas dificuldades (WAGENKNECHT, 2005).

Para o historiador Cláudio Batalha, um discurso como esse, reflete parte da cultura associativa dos trabalhadores, não de caráter militante ou classista, mas como atores de um projeto cultural que “se situa em uma relação dialética de atração e de repulsão com relação à cultura dominante” (BATALHA, 2004: 97).

O dinheiro extra, que podia vir das vitórias nos campeonatos amadores disputados, era um reforçador viável também para o trabalhador que integrava as equipes dos clubes de bairro.

Nós fomos jogar na Vila Itoupava, no Serrinha, [...] daí o homem da caixa [tesoureiro] disse, olha Udo, se nós quisermos dar 10 cruzeiros para cada jogador e ganhar o jogo nós temos em caixa [...] eu era técnico e jogador [...] mas eu cheguei no vestuário [...] e disse para os rapazes, [...] “rapazes, se nós ganharmos o jogo vai ter 10 cruzeiros para cada jogador”. Eles saíram espumando, rasgando a chuteira. Ganhamos o jogo lá, foi 3 a zero [...] (WAGENKNECHT, 2005).

O que se pode perceber também neste depoimento é o lugar que um integrante do clube adquire pela contribuição que presta para o grupo. Para os trabalhadores entrevistados, estas pessoas são tidas como líderes não somente na associação, mas na comunidade. No caso dos clubes de futebol de bairros, o sentido comunitário está presente principalmente nos lugares em que o campo de futebol é um espaço compartilhado por todos.

Enquanto alguns se apropriaram do discurso que divisou o clube de futebol do clube de Caça e Tiro como algo entre novos e velhos, outros eternizaram a juventude pelo futebol. É o caso do Grêmio Esportivo Treze de Abril, que apesar de não ser mais uma sociedade com Estatuto e registro civil, depois de algumas décadas, motivado pelo desejo de resgatar uma época que deixou saudades, reúne seus “velhos” jogadores e promove semanalmente um encontro com futebol, churrasco e cerveja.

Considerações Finais

O futebol não existe enquanto uma atividade natural, ele pressupõe em um dado momento, controle e disciplina para o tempo livre do trabalhador e, em outra instância, uma liberação do corpo e da mente para o exercício da sociabilidade, constituindo assim uma contradição e suscitando semelhanças e diferenças na composição dos modos de ser, ver e fazer dos integrantes dos clubes de futebol, principalmente os amadores, em Blumenau.

Não se pode negar que o futebol foi também expressivo nas elites de Blumenau. Mas são os clubes nos bairros que oferecem elementos diferentes e específicos para as discussões sobre a Cultura Associativa. Seja pela qualidade da organização, sócios, Estatuto e financiamento, ou pelas relações comunitárias e políticas do clube de futebol. São todos meios

e modos como os trabalhadores fizeram do futebol uma preferência capaz de lhes oferecer mais que uma prática desportiva. O futebol representou nas décadas de 50 e 60, uma forma inusitada, entusiasmada e diferente de associativismo civil.

Esta pesquisa teve a oportunidade de conhecer um clube de futebol que não resistiu a retomada das empresas sobre o patrimônio dos clubes de bairro. Mas, informalmente, recriou sua prática da juventude e vêm se encontrando, quarenta anos depois, para jogar futebol todas as quintas-feiras em um campo alugado. Os melhores sentidos do futebol permanecem: diversão e sociabilidade, idéia de pertencimento ao grupo, vínculos identitários e laços de solidariedade capazes de vencer o tempo e superar as crises do futebol amador.

Referências Bibliográficas

A NAÇÃO (1952-1968).

BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando T.; FORTES, Alexandre. **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2004

CORBIN, Alain. **História dos Tempos Livres**. Tradução Telma Costa. Portugal: Teorema, 1995.

DESAN, Suzanne. Massas, comunidade e ritual na obra de E.P. Thompson e Natalie Davis. In: HUNT, Lynn (org.). **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DUWE, Irineo. Depoimento: setembro, 2005. Entrevistadores: Cristina Ferreira, Allan Henrique Gomes. Blumenau: NEPEMOS/FURB, 2005. Digital (70 min.)

LOPES, José Sérgio Leite. *Classe, Etnicidade e Cor na Formação do Futebol Brasileiro*. In.: BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando T.; FORTES, Alexandre. **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2004.

PREILIPPER, Walfried. Depoimento: dezembro, 2005. Entrevistador: Cristina Ferreira/Allan Henrique Gomes. Blumenau: NEPEMOS/FURB, 2005. Digital (60 min.)

KATH, Alex. Depoimento: novembro, 2005. Entrevistador: Allan Henrique Gomes. Blumenau: NEPEMOS/FURB, 2005. Digital (60 min.)

KATH, Egon. Depoimento: novembro, 2005. Entrevistador: Allan Henrique Gomes. Blumenau: NEPEMOS/FURB, 2005. Digital (60 min.)

RADAR SULFABRIL (1962-1966).

WAGENKNECHT, Udo. Depoimento: dezembro, 2005. Entrevistador: Allan Henrique Gomes. Blumenau: NEPEMOS/FURB, 2005. Digital (70 min.)